as condições de um fim lacaniano de análise

ALBERT NGUYÊN

Esta questão se inscreve na continuação de trabalhos já apresentados na França, particularmente por ocasião das jornadas do Campo Lacaniano, e em Barcelona, em março deste ano.

A CRISE pela qual passamos terá tido, entre outros efeitos, o de reabrir uma leitura "desautorizada" de Lacan e, principalmente, mostrar os pontos em que Lacan se separa de Freud. Desde o seminário sobre a *Angústia*, Lacan assinala que se separa de Freud, não tanto a respeito da angústia, mas principalmente com o objeto da angústia e, já em 1963, a respeito da mulher e do pai. Evidentemente, quando lemos o *Seminário XVII* — há uma filiação direta entre esse dois seminários — é fácil perceber que o que foi esboçado no *Seminário X* encontra então sua verdadeira extensão.

Quanto mais importante a questão de falar do pai e da castração da mesma maneira, quando estamos além do Édipo e trata-se de levá-lo em conta, mais está fora de questão falar da identificação da mesma maneira, posto que, com a formulação do campo lacaniano, Lacan enfatiza a identificação Unária, que acentua o traço diferencial, e barra o caminho ao império do Um, e tanto mais importante a questão de falar da mesma maneira do afeto.

No *Seminário XVII* Lacan se separa de Freud e assinala essa separação justamente depois de ter formulado seu desejo de um campo lacaniano, o campo do gozo. Vocês sabem que, com o *Seminário XX*, não resta dúvida de que Lacan traça seu próprio caminho na psicanálise: é o seminário sobre os Gozos, que esclarece o seminário sobre os discursos. A continuação de seu ensino será apenas uma confirmação disso. Entre o Seminário da *Angústia* e o *XVII*, Lacan lançou a Proposição do passe, que tem as maiores conseqüências na prática do tratamento e na instituição.

Portanto, no total, destaca-se uma marca especificamente lacaniana no *corpus* psicanalítico, na prática e no próprio tratamento, especialmente quanto a seu fim. Ninguém duvida de que Lacan se preocupou com a transmissão, mas o deslocamento que ele impõe ao saber inconsciente, e sua interrogação constante sobre o inconsciente, em particular nos *Les non dupes errent* e *L'insu que sait de l'Une-Beuve s'aile amour*, obrigam a um sério exame do passe e, talvez, a uma reavaliação de seus resultados. Assinalo aqui um trabalho a ser feito.

Hoje, sabe-se que o ensino de Lacan revolucionou os dados conceituais e a prática da análise. É preciso reconhecer a modéstia com que Lacan avalia seu trabalho sobre o texto de Freud, e o seu próprio texto, quando diz que o conceito de inconsciente em Freud é vago e que tentou dar-lhe precisão; ele não tem a pretensão de tê-lo explorado completamente. No final de seu ensino, ele observa que esta é a pergunta central da psicanálise, pois com esse inconsciente imperceptível, desarmônico, a despeito de tudo "alguma coisa se enuncia". É o bastante para tornar modesto quem quer que se autorize a conduzir tratamentos. É também o que nos dá trabalho por muito tempo, se admitimos que a clínica borromeana, o sintoma e sua identificação, o recurso tardio à poesia chinesa ainda não foram resolutamente abordados. É mais além que Lacan põe em questão o conceito de inconsciente, como já fizera uma primeira vez na série de textos de 1967 que encontramos em *Scilicet 2/3*.

Essa longa introdução tem por objetivo abrir a questão que coloco, pois podemos dizer que existem condições de fim de análise propriamente lacanianas que não se encontram na proposição de 1967. Em *Les non dupes errent*, por exemplo, ao falar de complementos da proposição, Lacan não se furta a indicar que podemos tentar estender os quatro discursos às fórmulas da sexuação, com o benefício possível de dar ao grupo analítico uma outra consistência (a questão não poderia ser mais atual).

O passe é uma das condições propriamente lacanianas para o fim de análise. Desde 1998, no Relatório da EFC de Barcelona, examinei as mudanças que se produziram na doutrina do fim de análise, digamos, durante os seis anos de funcionamento desse procedimento, e cheguei a conclusões provisórias que abrem a questão para além dos dois casos que Lacan apresenta em sua Proposição.

Após um primeiro tempo de experiência, quando foi regulamentada a travessia da fantasia desenvolvida por Lacan, deu-se a abertura. Foi preciso considerar as conseqüências da travessia e não apenas a travessia. Foi considerado um intervalo entre a travessia e a conclusão do tratamento. A travessia da fantasia mostrou-se insuficiente porque não dizia nada do que foi valorizado por Lacan em outro lugar (por exemplo, no *Seminário VI*), ou seja, o que o sujeito faz da castração. Uma coisa é saber que objeto pudemos ser no desejo do Outro, mas outra coisa é enfrentar e assumir a castração que se apresenta sob a forma de S(A barrado). A ênfase foi colocada então nos restos de gozo, no que resta de intocado da libido, e deslocamos o fim da análise, da travessia da fantasia para a identificação

com o sintoma (O Lacan de '75 substitui o de '67). Fim de análise por identificação com o resto de gozo.

Aqui começa o que quero dizer, e que parte de uma constatação: observei que os psicanalistas têm as maiores dificuldades para falar entre si da experiência, da condução do tratamento e do passe. Na comunidade, percebi que a frase usual do neurótico que diz "é minha neurose" quando não consegue debelar o gozo e está exposto aos sintomas, é retomada sob outra forma pelos analistas: "É preciso respeitar o sintoma do outro, é o sintoma dele", como se isso justificasse todos os comportamentos incômodos para os outros, todas as extravagâncias insuportáveis.

Diante do que não me parece ser um fator de pacificação entre os analistas, uma questão se me apresenta: *a identificação com o sintoma é satisfatória como fim de análise*? Diante das dificuldades dos analistas com a comunidade, diante do fato de que uma identificação, apesar de tudo, continua a ser uma identificação mesmo se, e porque, é sempre particular, e diante do fato (da experiência) de que a identificação não protege contra os golpes do real aos quais o sujeito deve responder, por estas três razões, a identificação deve ser posta em questão.

É sempre delicado pôr em questão as coisas estabelecidas, os pontos de base que constituem, muito justamente, a sustentação. Mas por que não pôr à prova o saber pretensamente constituído? Se Freud e Lacan não recuaram, isso deveria nos incitar a ter maior plasticidade e leveza em nossa relação com a teoria.

É na *Note Italienne* (1974) que podemos entrever a solução, a partir da *questão do saber e do desejo de saber* que Lacan correlaciona exatamente com o desejo do analista. É essa solução, que difere da identificação com o sintoma, que tentei construir.

Começo pela clínica lacaniana, que depende totalmente da concepção de fim de análise à qual me refiro. Podemos pensar que existe a clínica do sujeito e que essa clínica encontra sua plena extensão numa clínica do objeto considerado como causa. Mas isto é tudo na clínica lacaniana? Não, se levarmos em conta o limite que Lacan fixou para o objeto no capítulo VII do *Seminário XX*, onde ele afirma que o objeto é um fracasso em sua abordagem do real. Portanto, a clínica do objeto não é suficiente para a clínica lacaniana. Dizer que o objeto é um fracasso equivale a dizer que a mera consideração do desejo não recobre a totalidade da experiência analítica. Posto que devemos levar em conta o gozo, é necessário incluir o nó borromeano e, principalmente, estudar a categoria do Real.

A clínica lacaniana vai da angústia ao sintoma e retorno. Por que dizer que a clínica lacaniana está entre a angústia e o sintoma? Numa primeira aproximação, porque se trata da clínica dos gozos e a fórmula "do sintoma ao fantasma" não a esgota. Prefiro dizer "da angústia ao sintoma e retorno" porque, de fato, há retorno. A referência para esse ponto é a Conferência de Lacan intitulada *La troisième* (1974).

Dessa Conferência, podemos deduzir uma clínica centrada no gozo fálico, a partir do qual o gozo do Outro e do sentido se situam numa escrita borromeana. Mas é preciso acentuar o fato de que esse entrecruzamento de gozos se completa com a superposição da Conferência de Freud sobre inibição, sintoma e angústia, e do RSI de Lacan.

Podemos isolar aí um primeiro elemento clínico: o simbólico é modificado. O primado do simbólico adquire um outro valor, diferente do que lhe atribuímos até então. O simbólico já não está limitado apenas à cadeia significante e à propriedade de anteceder o sujeito. Já não está limitado à palavra e ao lugar do Outro.

Esse simbólico, visualizado no esquema, pode ganhar terreno sobre o real, obtendo assim a redução do que há de mais real para o sujeito: o sintoma. Isso é obtido com a intervenção do que Lacan inscreve como "Inconsciente" em sua Conferência. O inconsciente faz um furo; o simbólico é furado.

Mas de que inconsciente se trata? Não se trata do inconsciente das formações, e sim do inconsciente enquanto radicalmente seccionado da consciência, refratário a qualquer unidade do psíquico, radicalmente desarmônico (N. d. e. 11/06/1974). *O inconsciente é real, o inconsciente é desarmônico.* Já não é o simbólico que dá sustentação à palavra, mas o simbólico cuja primaxia se deve à vantagem do saber sobre o real.

Assim, compreendemos melhor por que Lacan pode dizer, numa Conferência americana em 1975, que uma análise libera para o sujeito o sentido de seus sintomas e isso basta. De fato, é levar o sentido tão longe quanto possível, até o limite do sentido, ou seja, até o não-sentido. Isto quer dizer que alguma coisa que resta do sintoma é precisamente o que não entra no sentido, é o que está fora do sentido.

A experiência de fim de análise demonstra que, se a redução do sintoma coloca o que resta na via da identificação, isso não implica que ele não se mantenha. Observei, sem obter o menor eco, que o que chamamos identificação com o sintoma é uma *identificação especial.*

De fato, essa identificação:

• não se inclui nos três tipos de identificação freudiana;
• inclui, ao ser apresentada por Lacan, uma característica particular que Lacan chama de saber. Um saber particular, pois ele o chama de "saber fazer aí" (*savoir-y-faire*), comportando o "aí" que encontramos a propósito do sintoma (*y croire*). Saber fazer aí não é o saber fazer (*savoir faire*), nada tem de artesanal, mas indica um jogo possível, uma distância, resultante de um desanuviar (desfazer a bruma, os desentendimentos). Essa identificação não é maciça, mas elástica, e não prende o sujeito. Se por meio dessa identificação o sujeito não tem todas as satisfações, pelo menos tem uma certa liberdade.

O que confere esse caráter especial a essa identificação?

Em primeiro lugar, ela só pode ser considerada a partir da queda das identificações, a partir da travessia da fantasia, isto é, depois da conexão entre a neurose infantil atualizada e o impasse sexual em que o sujeito se encontra. É uma identificação correlativa ao saber e surge depois da queda do sujeito suposto saber. Podemos dizer que é uma *identificação de castrado e não mais uma identificação a partir da qual o sujeito se defende da castração.* Eu diria que é uma identificação *com conhecimento de causa*, no sentido de que a causa e a identificação imaginária estão disjuntas, uma identificação mais além da disjunção de *a* com *menos-phi*, ou seja, *no passe* (entendendo-se por passe o tempo transcorrido entre a travessia da fantasia e a identificação com o sintoma).

Eu diria, sem me deter nesse particular, que a relação dessa identificação com o saber, *savoir-y-faire*, põe em ação uma relação totalmente inédita com o saber, diferenciada do desejo de saber. Trata-se do saber analítico, mais exatamente da *invenção de saber* na psicanálise, que depende, segundo Lacan, de uma estrutura particular, isto é, *que não depende do sujeito* ("há saber sem que o sujeito o saiba").

O saber analítico, segundo Lacan, introduz um outro modo de saber, sob a dependência de um desejo e não de um amor (nada mais eficaz para evitar o real que o amor do saber). A experiência analítica realiza uma verdadeira *subversão do saber pelo saber.* Além disso, se essa subversão vale para o sujeito, vale também, e sobretudo, para os psicanalistas.

Eu diria ainda que Lacan propõe o emprego desse desejo de saber, que podemos chegar à invenção de um saber graças à qual podemos reunir o que há de mais singular para um sujeito, e a passar esse saber singular para a comunidade. Vocês bem sabem que não existe invenção para apenas um e, se houver, trata-se de um delírio. Se vocês me acompanham, devem admitir

que uma identificação particular dá lugar a um desejo particular, o desejo de saber, de onde pode surgir — e deve-se deixar espaço para a contingência — qualquer invenção, desde que *outros* lhe dêem crédito. Como observei, uma clínica lacaniana não se limita a fazer uma clínica do sujeito e do objeto, mas deve fazer do objeto a via de passagem para uma clínica dos discursos, uma clínica dos gozos.

Podemos avançar mais um passo. É uma *clínica do saber que concerne ao sujeito, ao objeto e aos discursos.*

A clínica do saber engloba:

- os fracassos do *saber*: fantasia e sintoma;
- a revelação do *saber*: suspensão do recalque;
- a invenção do *saber*: ganho sobre o real;
- suspensão parcial do *Não quero* saber *nada disso*;

e mostra a correção das fórmulas de Lacan nos termos fundamentais da psicanálise:

- "a transferência é do amor endereçado ao *saber*";
- no desejo do analista, trata-se de "perguntar como [sendo da parte] do *saber* o que vem no lugar da verdade";
- "o sintoma é verdade que resiste ao *saber* a partir do gozo".

Conclui-se que é precisamente sobre esse ponto do desejo de saber que Lacan introduz uma tese interessante. Encontra-se no seminário *Les non dupes errent*, na lição de 08/04/74. Não pode haver desejo de saber num sujeito, mas em oposição, Lacan formula *um desejo de saber de alguns*. Esse alguns me levam a pensar no órgão de base da Escola, isto é, no cartel.

Vejamos a lição de 08/04/74 em *Les non dupes errent*:

> Eu gostaria de ver se reproduzir, na forma de psicanalistas, gostaria de ver se reproduzir essa espécie de República que fazia com que Pascal se correspondesse com Fermat, Roberval, Carcavi (...) Não sabemos o que se produziria se não houvesse gente que desejasse saber mais a propósito dessas coisas inverossímeis (...) Sem saber aonde conduzem, passam pela estrutura de que lhes falei, ou seja, a borda do real.

Conseqüência: "A solução do sintoma" na forma de identificação, é preferível colocá-la em confronto, em justaposição à do saber. É o saber, sob a forma de desejo de saber. É uma via para interrogar o desejo do analista e o ato analítico, pois introduz a idéia de um saber que não espera resposta do desejo do outro e que não mais trabalha para o Mestre. A clínica lacaniana que devemos construir depende de:

- resultados da experiência: o passe e suas invenções de saber;
- uma leitura de Lacan que não privilegie este ou aquele

momento de seu percurso, mas que também não repouse sobre a primazia do simbólico, que deve ser examinado sob uma nova definição. Lacan fala da *criação do simbólico* com S(A barrado) (furo do simbólico inviolável, e equívoco significante).

A clínica lacaniana que intitulo clínica do desejo de saber é a que devemos construir, na medida em que pode dar conta do que Lacan enunciou como saber para o analista: não há relação sexual, NRS.

A *clínica do desejo de saber é portanto a clínica do NRS.* Ninguém duvida de que falta tempo para avaliar sua dimensão, essa dimensão que Lacan nos oferece no Seminário intitulado *L'insu que sait de l'une beuve s'aile amour*, na lição de 11/01/77:

> Isso dialoga, é o que designei com o nome de Outro. Existe alguma coisa outra, que chamo de alma do terceiro, que não é somente o real, mas alguma coisa com a qual não temos relação. Com a linguagem, nós latimos atrás dessa coisa. E o S(A barrado) quer dizer que isso não responde.

Esse S(A barrado) é um outro nome para a clínica a ser construída: *clínica do desejo de saber, clínica do NRS, clínica de S(A-barrado)*. É esta a clínica que pode dar ao simbólico a preeminência que mencionei, que não o isola na organização dos exercícios de oratória e leva em consideração o *parlêtre* (Seminário XX). O S(A barrado) afirma que o simbólico permanece irremediavelmente furado.

Não é de surpreender que somente a partir de uma transformação do simbólico (a criação) possamos abordar aquilo que permite entrever além da identificação com o sintoma, que dá a resposta do sujeito ao real, mas nada diz sobre a invenção *ex-nihilo* (e por isso Lacan diz que o significante, a análise, são criacionistas). É por meio do simbólico que temos acesso ao real, e é por meio do simbólico que, na análise, tratamos o real. E é também porque somente a criação testemunha o singular (incluindo-se aí o que faz valer a identificação com o sintoma).

Mas como não ser desigual na criação, por mais modesta que esta seja? Não é motivo suficiente para renunciar a estabelecer mais solidamente as condições de um fim lacaniano de análise, apenas esboçadas aqui, visto que a modalidade de invenção mantida por Lacan merece ser experimentada particularmente no quadro de construção da Escola, nisto que chamamos de cartéis.

~ Traduzido por Ângela Lobo